

A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA: NARRATIVAS E MEMÓRIA (1964-1969)

GUILHERME SUSIN SIRTOLI¹; LARISSA PATRON CHAVES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - larissapatron@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), originada a partir do golpe de 31 de março de 1964, resultou em uma mudança radical no sistema político vigente, impactando direta e indiretamente a vida de muitos brasileiros. As motivações do golpe militar e suas consequências são amplamente debatidas na historiografia nacional e internacional (NAPOLITANO, 2018). É fundamental reconhecer que grande parte do conhecimento acadêmico sobre a ditadura se concentra nas grandes metrópoles do Sudeste brasileiro. Embora os estudos sobre o golpe militar e seus impactos em outras regiões do país tenham avançado nas últimas décadas, ainda há um vasto campo a ser explorado. Nesse sentido, acreditamos ser essencial direcionar uma atenção especial às instituições e espaços que nos rodeiam, para além das grandes metrópoles, ampliando o foco para incluir contextos locais que muitas vezes podem acabar negligenciados.

Dado o exposto, nosso ponto de partida são ações ocorridas no sul do país, especificamente no contexto da Escola de Belas Artes D. Carmen Trápaga Simões, em Pelotas (RS). Este trabalho é parte de uma pesquisa maior, em andamento, que busca mapear e analisar os diferentes impactos e reações no contexto da ditadura civil-militar brasileira na Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) e no antigo Instituto de Letras e Artes (ILA/UFPel). Fundada em 1949, a EBA funcionou até meados de 1973, quando ocorreu sua fusão com a Universidade Federal de Pelotas, dando origem ao que hoje conhecemos como Centro de Artes (CA/UFPel). A Escola desempenhou um papel importante na criação da UFPel e foi impactada diretamente pelo período ditatorial, que trouxe consequências diretas e indiretas para o seu funcionamento, bem como para a produção artística desenvolvida neste espaço.

Sabemos que determinados arquivos documentais nos propiciam abordar questões políticas, que podem se relacionar tanto no âmbito micro e local quanto ao macro, em uma perspectiva transnacional. Montaño e Higuera (2022) propõem pensar o âmbito político das próprias memórias, compreendendo que não existe neutralidade quando trabalhamos com arquivos. Buscando o ‘político’ no âmbito das memórias da EBA, podemos reafirmar novos pontos de vista sobre o passado: “O político nas memórias. Isto realça a natureza não neutra das memórias, as diferentes formas de reconstrução do passado e as formas de memória que ganham reconhecimento e legitimidade ou são silenciadas e desconhecidas” (MONTAÑO; HIGUERA, 2022, p.92).

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo e tem seus procedimentos metodológicos vinculados à micro-história, objetivando compreender questões que vão do micro ao macro por meio de um jogo de escalas (REVEL, 2010). Adotamos a

perspectiva da História Global, que nos permite abordar questões mais amplas, traçando “um caminho de uma arqueologia das conexões, das trocas e das influências recíprocas a nível mundial” (LEVI, 2020, p.19). Entre os procedimentos metodológicos utilizados, destacamos o levantamento bibliográfico e a pesquisa em fontes primárias no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG/UFPel), especificamente em documentos, imagens e manuscritos do Fundo Arquivístico Escola de Belas Artes. Esse acervo contém documentos, manuscritos e fotografias que dizem respeito ao cotidiano da EBA durante seu período de funcionamento. Além disso, realizamos entrevistas com ex-alunos da instituição, de modo a expandir questões relacionadas ao cotidiano da Escola.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises realizadas até o momento revelam que os impactos da ditadura se manifestaram de inúmeras formas na Escola de Belas Artes de Pelotas. Em 11 de abril de 1964, poucos dias após o golpe, uma ata da EBA (1964a¹) relata conflitos internos, descrevendo eventos ocorridos após a interrupção de uma aula de História da Arte, ministrada em 3 de abril de 1964 pela professora Heloísa Assumpção Nascimento. Após a interrupção, a professora e seu marido, um coronel do exército, discutiram com um aluno que se dirigia a uma assembleia estudantil na Escola. Poucos dias depois, a professora tentou identificar o aluno na secretaria, alegando que ele estava “imbuído de ideias esquerdistas” (EBA, 1964a, s/p). Como consequência, um oficial do exército visitou a EBA para solicitar o comparecimento do presidente do Centro Acadêmico e do aluno para interrogatório (EBA, 1964b²).

Ainda em 1964, o Centro Acadêmico Pedro Américo foi dissolvido por ordens superiores do governo federal (MAGALHÃES, 2013). Durante o mesmo período, o ex-aluno e professor aposentado da UFPel, Wilson Marcelino Miranda, relatou uma invasão à sala de representação estudantil: “O que aconteceu foi uma invasão. Pegaram todos os livros e apontamentos e atiraram tudo no pátio. Quando chegamos lá, na segunda-feira, estava tudo arrebentado. Foi considerado subversivo” (MIRANDA, 2024, informação verbal³). Esses episódios evidenciam o controle repressivo sobre as atividades e organizações acadêmicas, seja por meio de conflitos internos ou por intervenções do governo autoritário na EBA. Nesse mesmo ano, foi promulgada a Lei Suplicy de Lacerda (Lei 4.464), que regulamentou as atividades das representações estudantis, proibindo a discussão de questões políticas nos espaços de ensino. A partir disso, a representação estudantil na EBA passou a se chamar Diretório Acadêmico Pedro Américo.

Em março de 1969, a EBA concede ao então Ministro da Educação e Cultura da República Brasileira Tarso Dutra (1914-1983), o título de Sócio Benemerito da instituição. Dutra, nascido em Porto Alegre, foi advogado e político (PSD, Arena, PDS) e um dos encarregados de revisar o Ato Institucional N.5 (AI-5) de 1968, promulgado um ano antes. A oficialidade da ocasião é registrada por uma fotografia (Figura 1), digitalizada pela Fototeca Memória da UFPel (ICH). A imagem registra o momento em que o Ministro assina o termo junto à instituição, garantindo o apoio simbólico tão importante no período de agregação da EBA

¹ Ata n.38 do Livro de Atas da Direção. 1964. Fundo Arquivístico Escola de Belas Artes (MALG). Documento não publicado.

² Ata n.39 do Livro de Atas da Direção. 1964. Fundo Arquivístico Escola de Belas Artes (MALG)

³ Relato concedido por Wilson Marcelino Miranda à Guilherme Susin Sirtoli. Pelotas, abril e maio de 2024.

junto à recém criada Universidade Federal de Pelotas. Ressaltamos que, nesse momento histórico, o governo ditatorial enfrentou diversos embates com o movimento estudantil, sob a liderança de Tarso Dutra à frente da pasta da Educação. Após a promulgação do AI-5, a censura e a repressão foram significativamente intensificadas.

Figura 1: Solenidade de entrega de diploma de sócio benemérito a Tarso Dutra, 1969.
Arquivo digital de referência da Escola de Belas Artes.



Fonte: Fototeca Memória da UFPel

A UFPel havia sido criada no mesmo ano em que a EBA condecorou Dutra, em meados de 1969, logo, podemos perspectivar que a homenagem oferecida ao ministro da ditadura foi motivada por questões intrínsecas aos interesses da Escola. Após a cerimônia, a diretora da EBA escreveu: “No agradecimento, o Ministro disse em primeira mão que a Belas Artes, Conservatório e Medicina seriam agregadas à Universidade Federal. Isso ocorreria em breves dias, [...] nos deixou, com brilhantismo e muita esperança” (FRANCO, 2008, p.433). A homenagem, registrada em fotografia, reflete o jogo político da EBA, sendo parte de estratégias de sobrevivência da instituição e garantia da inclusão da Escola junto à UFPel.

Embora o contexto ditatorial tenha sido mencionado apenas de forma breve em trabalhos anteriores sobre a EBA, as análises estabelecidas até então buscam compreender que o mesmo teve significativos impactos na instituição, destacando narrativas que poderiam ter passado despercebidas ou mesmo negligenciadas. Isso evidencia a necessidade de um pensamento crítico em relação às memórias desse período. Nesse sentido, nos aproximamos do conceito de memória crítica, desenvolvido pela teórica cultural chilena Nelly Richard (1948), que afirma: “Uma vez evidentes os abusos criminosos da ditadura militar, tornou-se essencial abordar a memória e os usos públicos da história como um campo de problematizações críticas agudas em torno da política da memória” (RICHARD, 2010, p.240).

4. CONCLUSÕES

Buscamos estabelecer conexões entre a memória da Escola de Belas Artes (EBA) e o contexto da ditadura civil-militar brasileira, traçando paralelos por meio de análises de episódios históricos e processos sociais relacionados à instituição. É importante reconhecer que a ditadura foi um período complexo da história brasileira, impactando diversos espaços, pessoas e instituições, incluindo o sul do

Rio Grande do Sul. Devemos considerar que as práticas de resistência, acomodação ou adesão frente às imposições do governo autoritário não eram simples, visto que estas próprias classificações são extremamente complexas, como destaca Motta (2021).

Ao revisitar criticamente o passado, especialmente em regiões distantes do eixo Sudeste, buscamos aprofundar nossa compreensão e conhecimento sobre os impactos e reações ao período autoritário vivido no país. Esse processo é essencial para expandir nosso entendimento sobre o próprio presente, marcado pela ascensão de partidos e políticos de extrema-direita no cenário global, que frequentemente trazem pautas vinculadas aos contextos ditoriais. Por meio das análises realizadas até o momento, podemos observar que a Escola de Belas Artes de Pelotas não apenas refletiu as mudanças políticas e sociais de sua época, mas também se foi um espaço onde ocorreram conflitos, jogos de poder, resistências e acomodações, estabelecendo conexões significativas com as dinâmicas políticas contemporâneas no Brasil e em outras partes do mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCO, Janice Pires Corrêa. **Memórias de Marina**. Pelotas: Editora Mundial, 2008.

LEVI, G. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **Micro-história: um método em transformação**. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p.19-34.

MAGALHÃES, C. R. **A Escola de Belas Artes de Pelotas (1949-1973): Trajetória institucional e papel na História da Arte**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2013.

MONTAÑO, E. A; HIGUERA, L. A. F. Memorias de violencia en América Latina: debates públicos y agendas académicas. In: MÜLLER, A; IEGELSKI, F. (orgs.). **História do Tempo Presente: mutações e reflexões**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022. p.79-105.

MOTTA, R. P. S. **Passados Presentes: O golpe de 1964 e a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2021

NAPOLITANO, M. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2018.

REVEL, J. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, 2010. p. 434-444.

RICHARD, N. **Crítica de la Memoria (1990-2010)**. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2010.